

Universidade de Brasília UnB

Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC

RENIVAN JOSÉ DE TORRES

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: CULTURA E
SABERES TRADICIONAIS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE**

Planaltina DF

2015

RENIVAN JOSÉ DE TORRES

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: CULTURA E
SABERES TRADICIONAIS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE**

Monografia apresentada à Licenciatura em
Educação do Campo LEdoC FUP/UnB
como requisito parcial para conclusão do
curso.

Orientadora: Profa. Ms. Severina Alves de
Almeida - SISSI

Planaltina DF

2015

AGRADECIMENTO.

Agradeço a Deus, pela luz que iluminou o meu caminho nesse período de quatro anos que durou a graduação.

Agradeço eternamente à minha família e à comunidade à qual eu pertenço.

Agradeço à Escola Kalunga 1 Maiadinha, por ter me apoiado em todos os momentos de inserção e de estágio e aos professores que me acolheram nessa escola.

Agradeço a minha querida professora e orientadora Severina Alves de Almeida SISSI pela paciência e compreensão que teve comigo e às examinadoras da banca Ana Cristina e Catarina, pela força e contribuições no trabalho.

Agradeço aos meus colegas do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Adão, Adilene, altobele, Ana Lina ,Ana Paula, Bertolino ,Cátia Regina, Celuta, Cristiane ,Diranice, Dirani ,Dulcimar, Esterina, Eriene, Erildo, Eva, Fernando, Garcino, Genildo, Gisele, Jainilson, Jaine, Halanna, Iron, Lereci ,Luana, Lurdes, Luciana, Lucineia, Maria Aparecida, Maria, Maria Divina, Maria Nilza, Maria Silva, Niécia , Nivaldo, Raquel, Reginaldo, Romes, Rosilda, Selma, Valdir, Valdete eValquíria, pois durante essa jornada de curso construímos uma família.

Agradeço também aos meus professores e professoras da LEDOC: Alisson, Ana Aparecida, Bernard, Dijby, Eliene, Eliete, Joelma, João, Joniana, Juliana, Jair Reck, Lais Mourão, Luíz Antônio Pasquette, Mônica Molina, Lívia Pena, Marise, Márcio, Osanete, Paulo Petronílio, Rogério, Rafael, Rafael, Roberta, Rosineide, Severina, Silvanete, Tamiel, e Vanessa.

Agradeço todas as pessoas que me ajudam na pesquisa de campo, Joaquina, Siliveste, Otília, Inácia, Ana e Emídio.

Agradeço ao programa PBID diversidade, que contribui com recursos financeiros na formação dos educandos do campo.

Agradeço às cirandeiras Rinna, Érica e Sídnei por terem cuidado da minha filha na ciranda na 1ª etapa do curso.

Agradeço a todos.

DEDICATÓRIA

Dedico a todos da minha família em especial ao meu esposo Ivan, que em momento algum ele me deixou desamparada, sempre cuidando dos nossos filhos. Aos meus filhos Luan Vinícius e Leila Ivana por terem me acompanhado até à FUP na primeira etapa desse curso. E também pela compreensão de entender o meu afastamento de casa durante o período do curso.

Agradeço também ao meu pai Daniel, à minha mãe Otília, por terem me trazido ao mundo e acreditarem que eu seria capaz de encarar as dificuldades e poder vencer os obstáculos da vida e realizar seus sonhos esperados. Agradeço meus irmãos Darcília, Aurelina e Juniel, que não está mais aqui nessa terra, e em especial ao meu irmão Danilvan, que muitas vezes perdeu horas e horas de sono ajudando-me a fazer esse trabalho tão dependioso. Agradeço a eles por estarem sempre ao meu lado torcendo para que eu vencesse essa luta.

A todos os meus colegas do curso e aos companheiros da comunidade que contribuíram com a minha pesquisa.

EPIGRAFE

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

PAULO FREIRE.

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior.

CONAE- Conferência Nacional de Educação.

DF- Distrito Federal.

FONEC-Fórum Nacional de Educação do Campo.

FUP-Faculdade UnB Planaltina.

GO—Goiás.

LEDOC -Licenciatura em Educação do Campo.

LDB-Lei e Diretrizes e Bases.

MEC-Ministério da Educação.

MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

PIBID –Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.

PROCAMPO-Programa de Apoio Formação em Licenciatura em Educação do Campo.

PRONERA—Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

RU- Restaurante Universitário.

LISTA DE FOTOS

Foto: 1 - , foto da saída de Cavalcante para o Vão do Moleque.

Foto: 2 - foto Vista da serra do Moleque (dedo).

Foto: 3 - Chegada na comunidade .

Foto: 4 - Mapa de Cavalcante.

Foto: 5 - Alojamento da LEdoC.

Foto: 6 - Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC.

Foto: 7 - Infra estrutura da sala onde funciona a Ciranda.

Foto: 8 - Dependência interna do RU.

Foto: 9 - Foto da Comunidade Vão do Moleque.

Foto: 10 - Foto da Comunidade Vão do Moleque.

Foto: 11 - Foto de benzedeira.

Foto: 12 - Foto do altar da Comunidade Vão do Moleque.

Foto: 13 - Foto do rezadores da comunidade Vão do Moleque.

Foto: 14 - Foto do rezador da comunidade.

Foto: 15 - Foto de plantas medicinais.

Foto: 16 - Foto de plantas medicinais .

Foto: 18 - Foto de plantas medicinais.

LISTA DE FIGURAS.

FIGURA : 1 Mapa do Brasil

FIGURA: 2 Placa que indica a área do território Kalunga.

FIGURA: 3 Universidade de Brasília campus da UnB Planaltina.

RENIVAN JOSÉ DE TORRES

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: CULTURA E
SABERES TRADICIONAIS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO DO MOLEQUE**

Aprovada em ____ / ____ / 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Doutoranda Severina Alves de Almeida (Orientadora)

Profa. Catarina dos Santos Machado. (Examinadora)

Ana Cristina de Araújo. (Examinadora)

RESUMO

A Comunidade Kalunga Vão do Moleque está situada no município de Cavalcante que dista 140 km da cidade. É uma comunidade de descendentes quilombolas onde há uma cultura e tradição sobre os saberes e fazeres na comunidade a longos anos. Historicamente tem sido da própria comunidade que os Kalunga mantêm suas vidas, retirado o sustento, tanto na alimentação quanto da saúde, pois sempre usaram remédios caseiros; às vezes era feita de tecelagem aqui mesmo, tudo que a comunidade precisava era tirado de seu território. Diante disso, percebi a necessidade de realizar uma pesquisa sobre os saberes e fazeres que ainda permanecem na comunidade. Essa pesquisa tem o objetivo de reconhecer e registrar alguns saberes e fazeres tradicionais que permanecem na comunidade. Para isso utilizamos o método qualitativo, realizada através de entrevistas e pesquisas bibliográfica. Ademais, a Educação do Campo contribui muito para o fortalecimento da cultura e dos saberes tradicionais na comunidade Kalunga Vão do Moleque, por meio da promoção de ações que possam fortalecer estes saberes. Apesar de esse povo viver nessa comunidade a mais de 300 anos, numa região cercada por paredões de serras e morros em um lugar de difícil acesso, eles não desistiram e seus descendentes continuam vivendo lá até hoje.

Palavras chave: Educação do Campo, Cultura, Saberes e Fazeres Tradicionais.

ABSTRACT

The Community Kalunga Vão do Moleque in the municipality of Cavalcante which is distant 140 km from the city. It is a community of Maroons descendants where there is a culture and tradition of the knowledge and practices in the community long years. Has historically been the community that Kalunga maintain their lives, removed the support, both in food as health, as always used home remedies; sometimes weaving was done right here, everything that the community needed was taken from their territory. Thus, I realized the need for research on the knowledge and practices that still remain in the community. This research aims to recognize and register some traditional knowledge and doings that remain in the community. For that use the qualitative method, performed through interviews and bibliographical research. In addition, the Education Field contributes greatly to the strengthening of culture and traditional knowledge in Kalunga Vão do Moleque the community through the promotion of actions that can strengthen this knowledge. Although these people live in this community for over 300 years, in a region surrounded by walls of mountains and hills in a place of difficult access, they did not give up and their descendants still live there today.

Keywords: Rural Education, Culture, Traditional Knowledge and Doings.

SUMÁRIO

Resumo	9
Introdução	13
CAPÍTULO I	
Metodologia da pesquisa: procedimentos e técnicas	16
Justificativa	17
Objetivos	19
Objetivos específicos	20
Metodologia	21
Contexto da pesquisa	22
CAPÍTULO II	
Educação do campo e educação quilombola	30
Educação do campo	30
Por uma educação do e no campo	35
Educação quilombola	37
Educação do campo na faculdade unb de planaltina	39
Pedagogia da alternância	41
Ciranda	42
Restaurante universitário ru da ledoc fup	44
CAPÍTULO III	
Os quilombolas kalunga e a comunidade vão de moleque: aspectos sociohistóricos eculturais	46
Quilombolas e kalunga: uma síntese	46
Comunidade kalunga vão do moleque	50
CAPÍTULO IV	
Saberes tradicionais kalunga na comunidade vão do moleque	54
Cultura e saberes tradicionais na comunidade kalunga vão do moleque	54

Participantes da pesquisa	56
Saberes tradicionais kalunga vão do moleque	56
Rezas e benzimentos	57
Excerto	58
Excerto 3	59
Medicina tradicional: uso das plantas	64
Considerações finais	68
Referências	70

INTRODUÇÃO

Eu , Renivan José de Torres, resíduo nesta comunidade Kalunga Vão do Moleque, desde quando nasci ,nasci no Estado do Tocantins, numa fazenda chamada Marmeladal, antes mesmo de que eu completasse um mês de vida minha mãe retornou para o Vão do Moleque , que é onde resíduo até hoje. .Minha infância foi um tempo aqui outro tempo fora devido ter que estudar e me manter sou de família não rica por isso eu e meus irmãos a partir dos doze anos de idade tínhamos que deixar a comunidade e sair para cidade em busca de estudos e melhorias de vida. Na comunidade não tinha escolas suficientes para atender os alunos além de serem poucas escolas eram muito longe de casa ,então chegou um momento que não tinha como permanecer nesta comunidade sem estudo.

Minha primeira fase de estudo foi tranquila porque na época minha mãe que era professora , em casa própria o nome da escola era: Escola Municipal Pé da Serra Carretão ,ela lecionava até a quarta série e nós estudávamos com ela , eu fiz com ela a primeira ,segunda série, ela não era professora efetiva e chegou um tempo que ela perdeu o cargo de professora e passou a ser merendeira ,eu por ser a filha mais velha tive que deixar minha família e fui morar no estado do Tocantins em 1992, em área rural ,onde fui morar com um irmão da minha mãe que era professor e por lá eu cursei a terceira série ,só consegui ficar por lá um ano ,voltei novamente para minha casa dos meus pais, no início do ano seguinte eles resolveram me colocar na cidade mais próxima que é Cavalcante, para continuar os estudos isso foi em 1994,fui morar em casa de família pois meus pais não tinham casa nenhuma na cidade para que nós pudesse morar, então eu tive que morar nas casas dos outros onde trabalhava e também estudava o salario era micharia as vezes eu nem ganhavam nada por mês era somente o alimento que eu consumia .

Fiquei um ano em Cavalcante e em 1995 fui morar em Goiânia em casa de família também lá eu achei bem melhor eu trabalhava e estudava e ganhava um pouco de dinheiro lá eu consegui ficar dois anos voltei novamente a Cavalcante onde cursei todo o ensino fundamental.

Em 2000,voltei a casa dos meus pais, fiquei com eles por um bom tempo e em 2002 resolvi me casar, hoje sou mãe de dois filhos um homem e uma mulher em 2004,minha mãe teve que afastar do serviço por motivos pessoais e eu assumi a vaga dela de merendeira até que ela voltou ,em 2005,eu fui convocada para trabalhar de professora

na Escola Municipal Capela do Moleque. Que foi recriada em 1993, a professora que dava aula ali mudou de escola e como eu fui convocada para dar aula aceitei a proposta comecei a trabalhar em Fevereiro de 2006.

Com essa oportunidade de emprego que ganhei com o tempo eu consegui terminar o Ensino Médio através do EJA que fiz em Brasília no Centro Educacional Evolução que fica em Taguatinga terminei esse curso em 2010, e em 2011 prestei o vestibular da Licenciatura em Educação do Campo e graças a Deus hoje consegui alcançar o meu objetivo esperado.

A Comunidade Kalunga Vão do Moleque encontra-se no município de Cavalcante, GO, no nordeste goiano na região do Centro-Oeste. É também nesta região, além de algumas outras, que abriga uma grande parte dos remanescentes de Quilombo de Goiás. Um lugar onde as tradições e culturas são mantidas por grande parte da comunidade. Outra parte não prestigia essa cultura devido às práticas religiosas diferentes das tradicionais. É através da cultura e das tradições, dos valores e costumes que a comunidade se mantém recebendo grande número de pessoas durante as festas que são bastante apreciadas pelos visitantes.

Diante disso, senti a necessidade de realizar minha pesquisa sobre os saberes e fazeres tradicionais quilombolas do Vão do Moleque. A pesquisa tem como objetivo reconhecer e registrar quais são os saberes e fazeres quilombola que ainda permanecem nessa comunidade. É, uma pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade e também pesquisa bibliográfica foi realizada no território Kalunga.

O Território Kalunga, em especial o Vão do Moleque, tem um clima semiárido. Dentro da comunidade passam alguns rios, dentre estes estão o Rio Corrente 1 e 2, Rio Corriola, Rio Prata e os demais são córregos pequenos. Esses rios navegam pela comunidade, sendo que de outro lado da comunidade passa o Rio Paranã, que faz divisa do estado Goiás com estado do Tocantins, sendo que o Território Kalunga tem laços com outros municípios. Além de Cavalcante, tem Teresina e Monte Alegre GO.

Os quilombolas dessa comunidade Vão do Moleque, vivem praticamente da criação de gado, da agricultura, da plantação de arroz, feijão, milho, mandioca, maxixe, abóbora, quiabo, jiló, batata doce e outros como também a pesca e o extrativismo vegetal. As pessoas mais velhas da comunidade ainda têm registrado em suas mentes alguns saberes e

fazerem que a comunidade cultivava e ainda cultivava. Só que essas pessoas não gostam de compartilhar com os outros as histórias antigas da comunidade, pois conforme um dos entrevistados, participantes da pesquisa, ele disse: que [“hoje sabemos das coisas mais do que eles e que eles são besta e que não sabe de nada”.]

Nesse sentido desenvolvemos essa monografia que está descrita em três capítulos e mais a introdução. No primeiro capítulo apresentamos os procedimentos e a metodologia que possibilitou realizar a pesquisa. O segundo traz a fundamentação teórica e informações sobre a Educação do Campo e a LEdoC. No terceiro capítulo são discutidos e descritos os resultados da pesquisa em sua parte empírica. Além desses, temos as considerações finais do trabalho, quando fazemos uma síntese de tudo que foi descrito no texto.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Neste capítulo apresentamos a metodologia e procedimento da pesquisa. É uma abordagem qualitativa que abrange o contexto de estudo, que visa a possibilitar a interpretação da totalidade de processos vivenciados pela pesquisadora no decorrer de suas investigações. Acrescento que sou moradora desta comunidade, por isso afirmo que foi de suma importância aprofundar meus conhecimentos, sobretudo pela riqueza que a comunidade tem como sua cultura e os saberes tradicionais.

1.1. Justificativa

A Comunidade Vão do Moleque é formada por remanescentes de escravos que estão localizados no município de Cavalcante, Goiás. Ao longo do tempo, essa comunidade vem passando por algumas rupturas devido às mudanças no modo de vida tradicional de nosso povo. Por isso, muitos conhecimentos fornecidos pelos pais, avós, bisavós e outros ancestrais, estão sendo esquecidos, negligenciados, principalmente a cultura e os saberes e fazeres tradicionais da região.

Esses poucos conhecimentos que ainda prevalecem, vêm sendo transmitidos de geração a geração ao longo dos anos. Um dos motivos que estarem sendo esquecidos é o falecimento das pessoas mais velhas da comunidade, e também por falta de interesse dos mais novos em aprender e praticar esses saberes tão ricos. Na comunidade Vão do Moleque as famílias têm uma tradição de linhagem e parentesco na transmissão de conhecimento. Existe uma importante estrutura familiar, de construção das casas dos filhos casados em torno das moradias dos mais velhos, pais e avós, o que estabelece, por si só, a manutenção da tradição, favorecendo o aprendizado dos mais novos pela experiência dos mais velhos e as relações de vizinhança.

A importância desta pesquisa está, dentre outras inferências, em que possibilitou o registro dos conhecimentos tradicionais que estão se perdendo e a identidade dessa comunidade. Está, também, no fato de analisar como viviam e vivem atualmente, nós, Kalunga, pois eu moro nesta comunidade desde 1980, e nunca tinha pensado em estudar como vivemos, principalmente nossa situação em relação à preservação da cultura e transmissão dos saberes da comunidade Vão do Moleque.

Somente depois de ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Universidade de Brasília, Planaltina DF, é que passei a ter um olhar crítico sobre a comunidade e sobre a minha realidade. Esses quilombos formam as comunidades Kalunga, localizadas nos três municípios de Goiás; Cavalcante, Teresina e Monte Alegre.

A história do povo Kalunga está intrinsecamente ligada à terra e à formação de um território. Por esse motivo, torna-se necessário inserir as análises territoriais nos estudos acerca dos quilombolas Kalunga. Esse trabalho tem sua importância também por apresentar os principais saberes tradicionais evidenciados no cotidiano daqueles que habitam no Sítio Histórico Kalunga, nas comunidades, dentre estas, a Vão do Moleque, localizada no município de Cavalcante, Goiás.

A hipótese que defendo, é de que os saberes tradicionais dos Kalunga são fatores de conservação da biodiversidade do cerrado goiano. E que a Educação, principalmente a Educação do Campo é o fator preponderante para que isso ocorra.

O conceito de biodiversidade apresentado nesse trabalho considera, além dos fatores biológicos, a dimensão cultural do cerrado por meio do uso que se faz dos recursos naturais e as vivências das pessoas no meio. O intuito é identificar os saberes tradicionais e compreender como podem fazer parte da biodiversidade de acordo com (RIGONATO E ALMEIDA, 2003).

O que diz respeito à relação do povo Kalunga com a biodiversidade, esta ocorre por meio da prática e das relações culturais existente entre os povos, e a biodiversidade do cerrado torna-se importante, pois a ciência pode ser utilizada paralelamente aos saberes tradicionais, fato constatado por Rigonato e Almeida (2003).

Para justificar esse trabalho, realizei uma pesquisa para saber como nós da comunidade Kalunga Vão do Moleque, nos relacionamos com o cerrado. Durante as entrevistas fui percebendo que os relatos ajudaram a me compreender as transformações dos saberes. Foram úteis também para entender melhor as tradições familiares, o conhecimento da fauna e flora, o preparo de alimentos, experiências em comunidades, artesanato e religiosidade. A biodiversidade se ressentiu por meio de uma crescente destruição da natureza. É a perda da diversidade ecológica, colocando em risco a sobrevivência por meio da relação natureza e sociedade.

A experiência com o cotidiano dos Kalunga da comunidade do Vão do Moleque permitiu conhecer parte da realidade dos quilombolas e os problemas parte socioeconômicos que são constantes e ameaçadores da cultura tradicional Kalunga. A luta pela garantia dos direitos quilombolas é histórica e política. No período da abolição, a luta pelos direitos quilombolas se somou às lutas dos negros de modo geral, sendo uma forte bandeira dos movimentos negros organizados durante o século XX e XXI (ALMEIDA, 2002).

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral: Identificar, descrever e analisar a importância da Educação, notadamente a Educação do Campo, para a preservação e valorização da Cultura e dos Saberes Tradicionais Quilombola Kalunga da Comunidade Vão do Moleque, município de Cavalcante Goiás.

1.2.2. Objetivos Específicos

- ✓ Entender, descrever e analisar as concepções de Educação e Educação do Campo;
- ✓ Conceituar e discutir a Pedagogia da Alternância;
- ✓ Entender e discutir quem são os Kalunga; o que são Quilombos; quem são os Kalunga Vão do Moleque; o que é cultura e cultura tradicional; o que são saberes tradicionais;
- ✓ Conhecer e valorizar a cultura e os saberes tradicionais da comunidade Kalunga Vão do Moleque, fazendo uma relação com a Educação do Campo.

1.3. Metodologia

A pesquisa realizou-se na comunidade Kalunga Vão do Moleque, utilizando as seguintes estratégias: coleta e registro de dados seguido por um roteiro para realizar as entrevistas, tendo como afirmação de nossas identidades, e que serve também como mecanismo que pode ajudar a solucionar questões principalmente relacionada à terra. Isso porque ser tradicional também é visto por essas comunidades como uma condição que tornou possível a valorização de seus saberes e fazeres.

Sendo assim, os procedimentos foram:

1.3.1. Estudos Teóricos: Este procedimento é de fundamental importância e se deu durante todo o período da pesquisa, quando realizamos estudos e pesquisas bibliográfica e documental, para entender como se dão as relações entre os quilombolas do Vão do Moleque com a Educação, precisamente a Educação do Campo.

1.3.2. Pesquisa do tipo Etnográfica: Por ser uma investigação que se realizou numa comunidade tradicional, registrando seus saberes e fazeres tradicionais, a pesquisa situa-se como “do tipo etnográfico”, que, segundo Almeida, Albuquerque e Aoki (2012) é uma pesquisa qualitativa por excelência.

1.3.3. Estudo de caso Etnográfico: Este, de acordo com Marttucci (2001), é um tipo de pesquisa que tem como principal característica uma abordagem qualitativa e/ou interpretativa. Para essa autora, o objetivo desse procedimento é, *a priori*, compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural ou de uma microcultura, a partir dos significados subjetivos de seus autores. Uma particularidade, é que a geração dos dados se dá em um contexto ecológico, por meio de observação participante e de entrevistas e narrativas, favorecendo uma interação mais efetiva entre o pesquisador e o ambiente pesquisado.

1.3.4. Pesquisa de Campo: Essa pesquisa se realizou na Comunidade Kalunga Vão do Moleque, e em sua escola, e se efetivou mediante os procedimentos de coletas de dados com entrevistas e aplicação de questionários, além de acervos de estudiosos do

assunto em foco, mais precisamente ao focalizarmos acerca da cultura quilombola, dos saberes tradicionais e da Educação do/no Campo.

1.3.6. Pesquisa Exploratória: Esta, considerada a primeira etapa do processo de pesquisa etnográfica (ALMEIDA, ALBUQUERQUE E AOKI, 2012), foi fundamental. Por meio desse procedimento podemos entender como tem se dado, ao longo do tempo, a relação dos quilombolas Kalunga do Vão do Moleque com os saberes e os fazeres tradicionais de minha comunidade.

1.4. Contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa é uma comunidade Kalunga situada em Cavalcante, Goiás, Brasil. No mapa 1 podemos localizar a região.



Mapa 1. Localização de Goiás, Brasil.

Goiás (pronúncia em português: [go'jas]) é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situa-se a leste da Região Centro-Oeste, no Planalto Central brasileiro. O seu território é de 340.086km², sendo delimitado pelos estados do Mato Grosso do Sul a

sudoeste, Mato Grosso a oeste, Tocantins a norte, Bahia a nordeste, Minas Gerais a leste, sudeste e sul e pelo Distrito Federal a leste. Goiânia é a capital e maior cidade do estado, assim como sede da Região Metropolitana de Goiânia, a única no estado¹.

Outras cidades importantes, fora da região metropolitana Campo Belos com 18.395 habitantes, Goiânia, são: Anápolis, Rio Verde, Itumbiara, Catalão, Luziânia, Formosa, Jataí, c Porangatu, Caldas Novas, Pirinópolis e Niquelândia, que também são as maiores cidades em população do interior do estado, além das cidades que compõem o Entorno do Distrito Federal. Ao todo são 246 municípios².

Com 6,6 milhões de habitantes, é o estado mais populoso do Centro-Oeste e o 12º mais populoso do país. Configura-se ainda, na nona maior economia entre as unidades federativas brasileiras. Segundo o Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, em junho de 2011 registram-se em Goiás 4.061.613 eleitores³

A seguir apresentamos o município de Cavalcante.



Foto 1. Vista parcial de Cavalcante, GO⁴.

¹Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiias>. Acesso 06-dez-2015.

² Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiias>. Acesso 06-dez-2015.

³ Fonte: Estatísticas Eleitorais - Goiás -Tribunal Regional Eleitoral de Goiás (Informações atualizadas em 11/06/2010). Visitado em 14 de junho de 2011. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Goiias>. Acesso 06-dez-2015.

⁴ Fonte: <https://www.google.com.br>. Acesso 05-dez-2015.

Cavalcante é um município brasileiro do estado de Goiás, que está localizado ao norte da Chapada dos Veadeiros, onde abriga uma parte da comunidade Kalunga, dentro do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, principalmente no Povoado Engenho e no Vão do Moleque. Sua população estimada em 2010 era de 9.932 habitantes, conforme o censo do IBGE. A população masculina representa 4.915, enquanto a população feminina é de 4.477 hab.

A região é conhecida por suas atrações turísticas, quando se destacam várias cachoeiras, como as do Rio Prata, de Santa Bárbara, da Capivara, as de Veredas e a Ponte de Pedra. Apesar de não possuir ainda um acesso em seu território, Cavalcante abriga cerca de 60% da área total do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros⁵.

Sua origem remonta a 1736, quando o garimpeiro Julião Cavalcante e seus companheiros chegaram à região em busca de novas minas de ouro. A notícia da descoberta da imensa mina de ouro de grande profundidade à margem do córrego Lava Pés, na serra da Cavalhada, atraiu numerosos aventureiros dos mais distantes rincões, iniciando-se o povoado com o nome de Cavalcante, em homenagem ao fundador e colonizado⁶.

Na foto a seguir apresentamos a saída de Cavalcante para Vão do Moleque



Foto 2: Estrada de acesso de Cavalcante para o Vão do Moleque⁷

⁵ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalcante> GO. Acesso: 05-dez-2015.

⁶ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalcante> GO. Acesso: 05-dez-2015.

⁷ Fonte: <https://www.google.com.br>. Acesso 05-dez-2015.

Conforme a foto, a estrada que liga a cidade de Cavalcante à comunidade Vão do Moleque não tem asfalto, o que faz com que o viajante possa contemplar mais demoradamente a bela paisagem que compõe essa região do estado de Goiás.

As fotos a seguir são bastante esclarecedoras dessa afirmação.

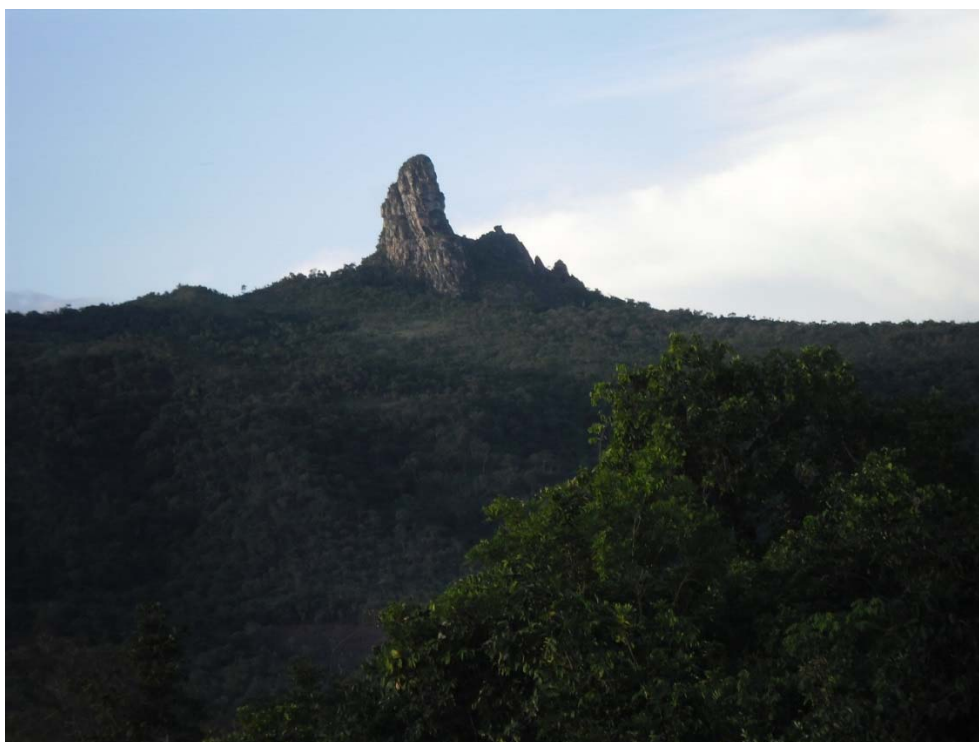


Foto 3: Paisagem do Vão do Moleque⁸

⁸. Foto: Renivan J. Torres. (2015).



Foto 4. Comunidade Vão do Moleque⁹.



Foto 5. Território Kalunga Vão do Moleque¹⁰.

A comunidade Kalunga Vão do Moleque está situada no Nordeste do estado de Goiás, município de Cavalcante, a 140 km distante da cidade, em um local de difícil acesso, com estradas de chão batido, e não tem energia elétrica. Até pouco tempo não

⁹ Foto: Renivan J. Torres. (2015).

¹⁰ Fonte: <https://www.google.com.br>. Acesso 05-dez-2015.

havia meio de comunicação além de rádio, mas hoje em dia, em algumas casas na comunidade já existe aparelho celular que funciona com antenas, minimizando, em parte, os problemas de isolamento da comunidade.

As pessoas que moram na comunidade enfrentam também o desafio de não ter um posto de saúde, e sempre que precisam recorrem a tratamento mediante remédios caseiros, extraídos das ervas medicinais retiradas do cerrado. Ademais, até mesmo as mulheres gestantes, devido às dificuldades que enfrentam para irem até à cidade, por falta de transporte, têm que ganhar a criança lá mesmo na comunidade, contando somente com ajuda das parteiras e simpatias que elas sabem por meio de seus antepassados.

A maioria das pessoas, principalmente as mais idosas, são analfabetas devido a falta de escolas na região eram poucas as escolas na região e também não eram todos que tinham oportunidade e até mesmo condições de manter os filhos na escola. Essa dificuldade se alia a outras, como por exemplo, não ter água encanada para todos, o que leva algumas pessoas a andar mais de 3 km, a pé, outras em lombo de burros, em busca de água para beber e tomar banho, Assim, a dificuldade em ter acesso à água é um empecilho para as pessoas terem uma melhor qualidade de vida e também para o cultivo da terra, pois ainda há as famílias que mantêm a atividade de plantio.

Estes que possuem roçados não comercializam seus produtos, e mantêm o hábito de trocar produtos com vizinhos e parentes, além do consumo próprio. Alguns moradores da comunidade vivem da agricultura de subsistência, da criação de gado, outros vivem de alguns Programas Sociais do Governo Federal, como Aposentadoria e Bolsa Família, e por meio desta renda compram mantimentos e remédio em Cavalcante que é a cidade mais próxima.

A região é cercada por paredões de serras que chegam a alcançar mais de mil metros de altura e é composta por rios belíssimos de água transparente e uma exuberância de fauna e flora intocáveis. Essa comunidade surgiu por volta do século XVIII, ela foi descoberta pelos Bandeirantes que vieram junto com os negros escravizados, onde eles se tornam a principal mão de obra. Eles vieram fugindo das minas de ouro de Goiás, quando os escravos foram obrigados a fugir de seus senhores, pois eram muitos castigados pelos seus donos e, cansados de serem massacrados, eles chegaram a um ponto que não

resistiram mais de tanto sofrimento e decidiram fugir para as encostas das serra, em lugares de difícil acesso onde não tinham movimento de outras pessoas além dos índios¹¹.

A formação da comunidade se iniciou com a fuga de negros escravizados no trabalho nas minas de ouro, a comunidade Kalunga, comunidade rural negra designada dessa forma a partir da década de 1980, ela fica localizada na região norte do estado de Goiás, divisa com Tocantins. De acordo com Mari de Nazaré Baiocchi (1999), ela foi a pioneira no levantamento da história da comunidade, e é a partir dos resultados de estudos e pesquisas realizados por ela, que podemos conhecer a comunidade. Segundo Baiocchi (1999), a população Kalunga se constitui de descendentes de negros que fugiram do trabalho escravo, negros que receberam a terra em doação ou compraram, além de descenderem também de índio que viviam na região.

A região viveu por quase 300 anos sem constar no censo demográfico, até mesmo no mapa do Brasil, e viveram em um total isolamento geográfico. Só na década de 1980 é que foi estabelecido o primeiro contato ou mesmo conhecimento entre os Kalunga. Em Goiás, a maior parte do povo Quilombola vive no Norte e Nordeste, onde estão os Kalunga habitantes em quatro agrupamentos, a saber: Ribeirão dos Bois, Vão de Almas, Vão do Moleque e Engenho¹¹, todos situados no Sítio Histórico Cultural Kalunga que abrange parte da zona rural dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás, e Monte Alegre, conforme Muryel Moraes Arantes e Maria Geralda de Almeida (2012).

As comunidades quilombolas foram reconhecidas pelo governo na publicação do artigo 68, na constituição de 1988, que ao garantir-lhes a posse de terra, evocou questões socioeconômicas, espaciais, jurídicas e culturais trazendo a representatividade (MARINHO 2008).

A história do povo Kalunga está intrinsecamente ligada à terra e à formação de um território, por esse motivo torna-se necessário inserir as análises territoriais nos estudos acerca dos quilombolas Kalunga. "No território deve ser incorporado às populações etnicamente diferenciadas neste contexto" (MARINHO, 2008, p. 23). Durante sua pesquisa Marinho procurou fazer vários questionamentos como: quais são os saberes locais? Como se dá a relação com o cerrado? A relação dos Kalunga com o cerrado se dá por meio do uso das plantas do cerrado até mesmo porque fazem parte do nosso cotidiano tanto para alimentação quanto para o uso medicinal.

¹¹ Fonte: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/369/1/2004>. Acesso 5-dez-2015.

Neste capítulo apresentamos os procedimentos e a metodologia da pesquisa. No capítulo seguinte apresentamos a Educação do Campo e Educação Quilombola.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Neste capítulo discutimos Educação e Educação do campo. Segundo Paulo Freire (1968), a educação é uma forma de intervenção para mudar a realidade de opressão. Para esse teórico, se a Educação não transforma o mundo, sem ela tampouco a Sociedade muda. Ele diz também que a educação é um ato de amor.

No tocante à educação no meio rural, esta tem um índice de dificuldade muito grande, e sendo assim há uma necessidade de se construir uma Educação do Campo. Sabemos que a Educação do Campo, surgiu como um conjunto de pensamentos e ideais dos trabalhadores do campo, pois as escolas rurais faziam e fazem mais uso de uma educação voltada à vida urbana, devido à falta de boas escolas no campo, e outros dizem que na cidade é melhor do que morar e viver no campo, é claro que não são todos os estudantes que têm condições financeiras para morar na cidade (PASQUALINE, 2003).

2.1. Educação do Campo

De acordo com o Conselho Escolar e a Educação do Campo (2006), a concepção de Campo tem um intuito de incorporar os espaços da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, etc. Busca, pois, acolher o camponês nos espaços rurais, os caiçaras, os ribeirinhos e extrativistas em geral, e, sendo assim, o campo é visto como um perímetro não urbano, ou seja, um espaço de produção agrícola, além de ser entendido como um território de produção de vida, de relações entre os homens e a natureza. Visto como um espaço de produção, o campo é uma totalidade de cultura de espécie humana o campo precisa de transporte, água, energia, estrada dentre outras benfeitorias.

Nesse sentido, e para discutir Educação do Campo, recorreremos, inicialmente, às Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, que aborda conceitos e marcos normativos, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9694/96. Este documento discute, também, a 1ª Conferência Nacional da Educação do Campo, que aconteceu em 1989 em Luziânia GO, com um pensamento de saber como surgiu e para quê. Sabemos que a LDB de 1961, é a lei das Diretrizes Básica

do Brasil, a construção Federal é a lei maior do país. LBDEN é lei das Diretrizes Básica de Educação Nacional de 1996. A ECA é o Estatuto da criança e do adolescente para defenderem os direitos de cada um deles.

Segundo Lia Maria Teixeira de Oliveira e Marília Campos (2002, p. 237), o contexto educacional do mundo rural vem sendo transformado por movimentos instituintes que começaram a se articular no final da década de 1980, quando a sociedade civil brasileira vivenciava o processo de saída do regime militar, participando da organização de espaços públicos e de lutas democráticas em prol de vários direitos, dentre eles a educação do campo. Para essas autoras, a educação como direito de todos ao acesso e a permanência na escola, está consagrada na Constituição Brasileira atual (1988), artigo 206. Cury (2008) citado por Oliveira e Campos (2012), apresenta a importância da educação básica contida na constituição de 1988; a educação básica e as diversas modalidades de educação (educação de jovens e adultos –EJA, educação especial, educação do campo, etc.).

Para Celi Zulke Tafarel e Monica Castagna Molina (2012), o campo de estudos da área de política educacional pode ser compreendido como aquele que analisa os interesses sociais e econômicos e se fazem presentes nos programas e ações governamentais no âmbito da educação. Segundo essas autoras, a definição de política educacional, bem como a compreensão de como nos tornamos seres humanos e como, ao longo da história da humanidade, se consolidou a partir do modo de produção e reprodução da vida.

Sabemos que a Escola do Campo surgiu com as lutas dos sujeitos camponeses por políticas públicas de Educação e dos sujeitos do Campo. Não queremos uma escola capitalista, ela não ensina, ela exclui e subordina. Uma vez que não vivemos sem contradição então vamos para a luta em busca de transformação escolar nos meios de produção de conhecimento tomando a realidade e atualidade como base dos processos de ensino superando o trabalho manual e intelectual. (MOLINA, 2012).

Queremos uma escola do campo, aquela que esteja no campo adequando com a própria realidade do campo; aquela que recebe o sujeito como material da vida e que tenha uma demanda de trabalho manual e intelectual, para isso vir acontecer cabe cada um de nós nos auto-organizarmos para construir uma escola que seja adequada à nossa realidade. (MOLINA,2012.)

A escola tem o poder de transformar os modos de produção de conhecimento que recebe, e os meios de produção manual, pois a escola do campo está sempre em movimento. A nossa vida está sempre em contradição que diz uma força exerce outra força, os movimentos sociais estão sempre interagindo com as escolas de Ensino Médio, entre funcionários e professores. (MOLINA, 2012).

Após essas argumentações, ficou entendido que para uma escola deixar de ser uma escola rural e venha ser uma escola do campo, é necessário, dentre outras demandas, que atue nos meios de produção dos modos de conhecimentos, onde se estude a realidade do contexto onde se vive, relacionando o currículo com a realidade do campo. A escola capitalista estuda tudo separado, o aluno não aprende a se questionar, por isso a escola do campo que queremos é aquela que forme o sujeito questionador, consultor e pesquisador que tenha voz perante a sociedade que seja aquele sujeito que não tenha medo de falar.

Deve trabalhar dentro da escola a auto-organização e fazer com que em coletivo as relações sociais sejam mudadas mais visando como fica a relação professor e aluno dentro da escola. Trabalhar com eles o inventário como prática de conhecimento com a comunidade. Escola do campo busca articulação com diversos seguimentos com comunidade camponesa organizando um trabalho pedagógico a partir de uma realidade concreta, o que equivale tomar o trabalho como princípio educativo.

Nesse sentido, a realidade social aparece em diferentes contextos entre educador do campo e educando numa relação de professor, aluno e comunidade. Para que venha a ser um intelectual orgânico, o educando deve ser aquela pessoa que tenha um domínio daquilo que está fazendo, e deve ter comprometimento, iteração entre escola e comunidade, organização e coletividade, união, trabalho coletivo, troca de conhecimento, construir e reconstruir, planejamento e avaliação como um todo.(MOLINA,2012)

Sabemos que o maior território camponês do Brasil está na região nordeste. O território é um espaço de resistência dos camponeses, a escola do campo enfrenta um desafio com estudos e apropriações de tecnologias de base agro ecológicas adaptadas a agricultura camponesa local e territorial, onde podemos discutir a forma de produção dos alimentos para o auto consumo e excedentes para os programas de alimentação escolar, mercado local e feiras para que assim possa identificar as variedades de sementes crioulas com organização de bancos de sementes e identificação de mudas e espécies de animais através do trabalho e emancipação humana. (MOLINA, 2012).

Um dos princípios da educação do campo é respeito à diversidade do campo e os aspectos sociais culturais ambientais, políticos, econômicos de gênero geracional de raça, etnia e incentivo a formulação de projetos políticos pedagógicos específicos para as escolas do campo. A escola traz muitos valores para nós refletirmos como formação humana vinculada com uma concepção de campo, lutas por políticas públicas que garantam o acesso universal a educação, projeto de educação dos e não camponeses, movimentos sociais como sujeitos da educação do campo e valorização e formação dos educadores.

Não queremos um campo do modelo capitalista, daquele que está entrando em nossas escolas como sabemos nós somos os sujeitos da educação do campo seja o homem, a mulher, a criança, o jovem, a família enfim todos aqueles que trabalham na terra. A educação rural era preparar o aluno para o trabalho. Sendo que a educação é composta por uma diversidade de camponeses, quilombolas, ribeirinhos etc. A educação do campo é diferente de educação rural, pois esta distancia dos objetivos que devemos lutar por uma educação do campo.

Ter o trabalho como princípio educativo nada mais é do que ligar a educação com o trabalho produtivo transformando em ciências e ter como trabalho de base. Muitas pessoas morreram por nós para que hoje tenhamos esta escola viva que é a LEdoC, como o massacre do Eldorado dos Carajás que morreu pelos ledoquianos, em 17 de abril, eram 19 sem terra lutando por reforma agrária, no meu entendimento. Vale ressaltar que a escola do campo deve superar o trabalho manual, além de promover deve ter a interdisciplinaridade trazendo os sujeitos como princípios educativos trabalhando e promovendo as relações sociais dentro da escola.

A escola tem um papel a cumprir com a comunidade muito importante. Mesmo sabendo que vai encontrar conflitos, é preciso haver mediações entre família comunidade, escola e lideranças. Devemos valorizar, pois a Educação do Campo veio da luta, da organização de pessoas que tiveram articulação e fizeram um movimento humano.

De acordo com a autora Roseli Salette Caldadrt (2012), a expressão Educação do Campo era chamada Educação Básica do Campo, e a partir da 1ª Conferência Nacional, por uma Educação Básica do Campo que ocorreu em 1998, e após isso, passou a ser chamada de Educação do Campo, agora o correto é utilizar a expressão Educação do Campo e não mais Educação Rural, pois tem como objetivo entender o trabalho camponês e as lutas sociais e culturais.

Quando fala em educação do campo, está tratando da educação que volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, ou seja, “[...] os camponeses, incluindo os quilombolas e os diversos tipos de comunidades que estejam vinculadas à vida e ao trabalho no meio rural”. (KOLLING, NERY E MOLINA, 1999, p. 26).

Mas, para nós, a educação compreende todos os processos sociais de formação sociais das pessoas como sujeitos de seu próprio destino. Neste sentido “[...] a educação tem relação com a cultura, com valores, com jeito de produzir, com formação para o trabalho e para a participação social”. (KOLLING, CERIOL E CALDART, 2002, p. 19).

O esforço da Educação do Campo, que se estende até hoje, foi a partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de reforma agrária, protagonizada naquele período especialmente pelo Movimento dos Sem Terra MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo.

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito a educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo. Cada um de nós sabemos que a educação do campo é um direito nosso e dever do estado.(MOLINA,2012)

A luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que a garantam massivamente, levando à universalização real.

Pela lógica do modelo dominante, é a educação rural e não a Educação do campo que deve retornar à agenda do Estado, reciclada pelas novas demandas de preparação de mão de obra para os processos de modernização e expansão das relações capitalistas na agricultura, demandas que não necessitam de um sistema público de educação no campo. Assim sendo a educação do campo é um espaço de luta por políticas públicas, conforme Roseli Salete Caldart, (2012, p. 261).

Assim sendo a educação do campo constitui-se como luta social pelo acesso dos trabalhadores do campo à uma educação de qualidade (e não a qualquer educação). A educação do campo não é para nem apenas com, mas sim, dos camponeses, expressão de uma pedagogia do oprimido. Constitui-se também da luta pela educação como uma luta pela terra, pela reforma agrária, pelo direito ao trabalho, à cultura, à soberania alimentar e ao território.

Outro fator primordial que deve os considerar, é que a educação do campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, trata de práticas e de lutas contra hegemônicas, que exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, pois a educação do campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana. (CALDART, 2012, p. 262).

Nesse sentido, a autora pressupõe que o movimento histórico de construção da concepção de escola do campo faz parte do mesmo movimento de construção de um

projeto de campo e de sociedade pelas forças sociais da classe trabalhadora, mobilizada no momento atual da disputa contra hegemônica.

À escola do campo, impõe-se o desafio de conceber e desenvolver uma formação contra hegemônica, ou seja, de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, que exige uma formação integral dos trabalhadores do campo.(MOLINA,2012)

2.1.1. Por uma Educação Do e No Campo

Conforme tudo que argumentamos até aqui, junto aos teóricos estudados até aqui, é indiscutível que a educação do campo surgiu com uma grande luta dos trabalhadores camponeses juntamente com os movimentos sociais, conforme afirma Arroyo (2005, p.10). Para esse autor, a educação do campo nasceu dos pensamentos, desejos e interesse dos sujeitos do campo, que nas últimas décadas intensificaram suas lutas, reivindicando e formando territórios concretos e imateriais, constituindo comunidades políticas, determinando seus destinos na construção de suas ideologias e suas visões de mundo.

Segundo Silvanete Pereira dos Santos (2012), a Educação do Campo no Brasil tem um contexto de lutas por uma educação de qualidade, envolvendo questões desde as condições básicas de vida dessa população excluída, até à formação integral desses sujeitos que habitam, trabalham no Campo e vivem no e do Campo, na busca de sua libertação, como sujeitos de direitos.

Com efeito, nos últimos anos, percebe-se que houve avanços que marcaram e solidificaram a luta dos movimentos sociais, não só por educação de qualidade, mas por condições de vida digna. A luta mobilizou a população camponesa em prol de uma escola e de uma educação que fosse de fato do campo e para o campo. Conforme apresenta SANTOS (2009, p. 37) essa educação nasceu das reivindicações dos movimentos sociais que, por meio de sua atuação fizeram transformações na sociedade.

Uma escola para os povos do e no campo, sempre foi um desafio enfrentado por todos que moram nos espaços rurais. Eles enfrentam diversos problemas, por exemplo, adaptação ao meio urbano, distância dos familiares, preconceito, etc., pois se pensa que o campo é somente um lugar de trabalho pesado, de pessoas sem cultura. É preciso que haja

uma educação de qualidade que venha suprir as necessidades das comunidades do campo ao mesmo tempo em que reafirme suas identidades como sujeitos e no campo.

Ademais, o campo é um lugar marcado pela diversidade econômica e cultural é um espaço de solidariedade, de lutas pelos direito à terra, à educação, à saúde, à moradia e à construção da vida, pois é da terra, é daqui que nós, Kalunga. É da terra que retiramos nosso sustento para manter a vida. Esse sentido, o Ministério da Educação MEC vem construindo e equipando escolas em áreas rurais dos remanescentes de quilombos, para que a escola seja aquele espaço privilegiado de construção de conhecimento, pois a sociedade brasileira possui uma dívida com relação à reconstrução da identidade e autoestima da população afrodescendente (FUNDESCOLA, 2007. p. 218).

Segundo Molina e Freitas (2011, p. 23):

[...] As lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo, no Brasil, conquistaram programas de educação para os camponeses, entre os quais se destacam: o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea), o Programa Saberes da Terra e o Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo). Embora esses programas enfrentem dificuldades em sua execução – especialmente no que diz respeito à quantidade e à morosidade na liberação dos recursos para efetivação das ações que apoiam –, eles constituem-se em práticas concretas de parte das concepções da Educação do Campo.

Ainda de acordo com essas autoras, em função das metodologias usadas para seu desenvolvimento, a execução desses programas requer a presença das universidades públicas em diferentes âmbitos de atuação. E é isso que ocorre na Faculdade da UnB de Planaltina, com a LEdoC Licenciatura em Educação do Campo. Como consequência da participação das universidades nas ações de formação demandada pelo Movimento da Educação do Campo foi se constituindo e se consolidando vários grupos de pesquisa sobre a temática, inclusive com a criação de linhas de pesquisa de mestrado e doutorado em algumas instituições.

Outro relevante espaço de pesquisa foram os “Observatórios de Educação do Campo”, implantados em várias universidades federais em função de editais CAPES/INEP. Ainda no âmbito da produção de conhecimento, uma Cátedra UNESCO de Educação do Campo foi concedida à Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em 2009, conforme Molina e Freitas (2011).

Outra dimensão do avanço do Movimento da Educação do Campo diz respeito à sua capacidade de aglutinar amplo e diversificado conjunto de movimentos do campo em

torno de uma pauta coletiva de lutas. O avanço do capitalismo no campo exige desses movimentos estratégias cada vez mais eficientes de resistência para permanecerem em seus territórios, por isso, a ampliação e a articulação das lutas são ferramentas necessárias para o enfrentamento das várias contradições a serem superadas. Juntamente com as articulações entre os movimentos sociais e sindicais, mobilizaram-se também setores das universidades que se envolvem diretamente com a execução das ações de Educação do Campo (MOLINA E FREITAS, 2011).

Nessa perspectiva, as autoras acrescentam que todos esses parceiros trabalharam para a criação do Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC) em 16 de agosto de 2010, quando foi lançado oficialmente no dia 4 de novembro desse mesmo ano no Congresso Nacional, em Brasília, durante o IV Seminário de Educação na Reforma Agrária, promovido pelo PRONERA. As lutas dos movimentos sociais e sindicais do campo, no Brasil, conquistaram programas de educação para os camponeses, entre os quais se destacam: o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o Programa Saberes da Terra e o Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO).

2.2. Educação Quilombola

A Educação Escolar Quilombola segue as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (BRASIL, 2013). De acordo com tais Diretrizes:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (p. 42)

Orientam-se também pelas deliberações da Conferência Nacional de Educação (CONAE, 2010). De acordo com o documento final da conferência, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão:

a) Garantir a elaboração de uma legislação específica para a educação quilombola, com a participação do movimento negro quilombola, assegurando o direito à preservação de suas manifestações culturais e à sustentabilidade de seu território tradicional.

b) Assegurar que a alimentação e a infraestrutura escolar quilombola respeitem a cultura alimentar do grupo, observando o cuidado com o meio ambiente e a geografia local.

c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/às profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.

d) Garantir a participação de representantes quilombolas na composição dos conselhos referentes à educação, nos três entes federados.

e) Instituir um programa específico de licenciatura para quilombolas, para garantir a valorização e a preservação cultural dessas comunidades étnicas.

f) Garantir aos professores/as quilombolas a sua formação em serviço e, quando for o caso, concomitantemente com a sua própria escolarização.

g) Instituir o Plano Nacional de Educação Quilombola, visando à valorização plena das culturas das comunidades quilombolas, à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (CONAE, 2010, p. 131-132).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2013, p. 425-426):

Observado o disposto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004, e pelo Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os quilombolas são considerados comunidades e povos tradicionais. Isso porque são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social, utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são ocupantes e usuários de territórios e recursos naturais como condição à sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica.

Diante do exposto, é importante registrar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola se baseia na legislação geral e em especial na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, ratificada no Brasil por meio do Decreto Legislativo nº 143/2003 e do Decreto nº 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, têm por objetivos:

II – orientar os processos de construção de instrumentos normativos dos sistemas de ensino visando garantir a Educação Escolar Quilombola nas diferentes etapas e modalidades, da Educação Básica, sendo respeitadas as suas especificidades; III – assegurar que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino-aprendizagem e as suas formas de produção e de conhecimento tecnológico; IV – assegurar que o modelo de organização e gestão das escolas quilombolas e das escolas que atendem estudantes oriundos desses territórios considere o direito de consulta e a participação da comunidade e suas lideranças, conforme o disposto na Convenção 169 da OIT; V – fortalecer o regime de colaboração entre os sistemas de ensino da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios na oferta da Educação Escolar Quilombola; VI – zelar pela garantia do direito à Educação Escolar Quilombola às comunidades quilombolas rurais e urbanas, respeitando a história, o território, a memória, a ancestralidade e os conhecimentos tradicionais; VII – subsidiar a abordagem da temática quilombola em todas as etapas da Educação Básica, pública e privada, compreendida como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é imprescindível para a compreensão da história, da cultura e da realidade brasileiras. (BRASIL, 2013, p. 428).

Como podemos perceber, a Educação Quilombola está contemplada em documentos normativos que a sustentam. É, pois, de fundamental importância que os quilombolas e/ou remanescentes de quilombo estejam conscientes de seus direitos, para que possam reivindicar uma escola que atenda aos interesses de suas comunidades.

2.3. Educação do Campo na Faculdade UnB de Planaltina

O curso de Educação do Campo da Universidade de Brasília, *campus* de Planaltina-DF, funciona em regime de alternância e atende à formação de professores para atuarem nas escolas (incluindo-se as escolas quilombolas), oriundos dos movimentos sócias e moradores em comunidades tradicionais quilombolas.



Foto 6. Faculdade da UnB de Planaltina¹².

¹² Foto: Renivan José de Torres. (2015).

2.3.1. Pedagogia da Alternância

De acordo com o texto “Educação do Campo: Uma Luta e Resistência”, de Silvanete Pereira dos Santos (2012), a Pedagogia da Alternância é uma proposta educacional que tem como intencionalidade pedagógica a formação integral dos alternantes, desenvolvendo a capacidade de construir caminhos para a viabilização de um novo projeto de desenvolvimento para o campo e os sujeitos que o constitui. Nessa concepção, a realidade vivida pelos educandos e suas comunidades é objetos central na formação.

Essa pedagogia vem com uma proposta de fazer os estudantes intercalarem um tempo na aula e outro tempo na comunidade, o que equivali dizer que esta é uma formação em que o processo que inclui a nós, estudantes, sendo mesmo um momento formativo de uma formação que é para toda a vida.

A Pedagogia da alternância, nessa perspectiva, é um princípio teórico e metodológico que rege as ações do curso de Educação do Campo da LEdoC. Segundo Silva (2003) a alternância se iniciou na França em 1935, por meio da organização de um grupo de agricultores preocupados com a formação de seus filhos e com o desenvolvimento da região onde viviam.

Portanto a Pedagogia da Alternância, inicialmente se apresenta como uma alternativa metodológica de formação profissional para os filhos de agricultores de nível técnico, onde o aluno possa estudar em regime internato e outros períodos em casa. A introdução da Pedagogia Alternância no Brasil remonta ao final da década de 1960. Os atores locais conhecem o programa de alternância sob o modelo Italiano e, assim fundaram as escolas Famílias agrícolas (EFAS), por meio da União Nacional das escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB).

A Pedagogia da Alternância é, pois, uma alternância para os alunos do campo, devido às necessidades específicas desse segmento social. As escolas que adotam o regime de alternância trabalham com uma proposta específica para o campo, onde a escola enfatiza aspectos como a falta de recurso para atividades básicas do campo, superação das escolas separadas da realidade local dos alunos, e necessidades dos alunos na prioridade com sua família. A foto a seguir apresenta o prédio dos alojamentos.



Foto7: Fachada externa do prédio do alojamento da LEdoC¹³

Na UnB a Pedagogia da Alternância atende às necessidades dos estudantes, de modo que estes possam, inclusive, no tempo em que ficam na Universidade TU, trazer seus filhos pequenos. Para isso conta com a “Ciranda”, conforme apresentamos a seguir.

2.3.2. Ciranda

Edna Rodrigues Araújo Rossetto e Flávia Tereza da Silva (2012) ressaltam que a Ciranda é um espaço acolhedor das mães com as crianças durante o tempo universidade. Configura-se, pois, como um benefício muito apropriado que a UnB, oferece aos estudantes, principalmente às mães que precisam concluir seus estudos, e que dessa forma, nós não deixamos de terminar nosso curso por falta de apoio da UnB. Eu, particularmente, já vivenciei esse espaço com minha filha e foi muito bom, só que eu fiquei nas casas alugadas, pois ainda não existiam os alojamentos, e dentro da casa tinha um espaço dedicado para a ciranda.

A ciranda infantil é um espaço educativo da infância Sem Terra, organizado pelo movimento dos trabalhadores sem-terra (MST) e mantidos por cooperativas, centro de formação e pelo próprio MST, em seus assentamentos e acampamentos. O nome foi escolhido pelo fato de ciranda remeter a cultura popular e estar presentes nas danças,

¹³ **Foto:** Marina Ana Baptista Machado (2014).

brincadeiras, cantigas de roda vivenciadas pelas crianças no coletivo infantil. (ROSSETO E SILVA, 2012).

Em Março de 1997, o nome ciranda infantil foi o mais votado numa reunião coletivo do MST, e em julho de 1997, o setor de educação já organizava a primeira Ciranda Itinerante Nacional, sendo o nome das creches e assentamentos e seus projetos políticos-pedagógicos substituídos por ciranda infantil. (ROSSETO E SILVA, 2012).

A organização da ciranda infantil permanente se dá pela composição do núcleo de base, de acordo com o número de crianças que estejam participando da Ciranda Infantil. Os núcleos de base geralmente são compostos observando-se alguns critérios idade e gênero e o núcleo de base também é a forma como as famílias se organizam nos acampamentos e assentamentos para participar da coletividade. Na Ciranda, essa forma organizativa tem como um de seus objetivos trabalhar a dimensão da auto-organização das crianças.

Nas fotos seguintes apresentamos a Ciranda da UnB.



Foto 8. Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC¹⁴.



Foto 9. Infra estrutura da Sala onde funciona a Ciranda da LEdoC¹⁵;

Outro espaço muito importante da LEdoC é o Restaurante Universitário, que apresentamos a seguir.

2.3.3. Restaurante Universitário RU da LEdoC FUP

O RU é um espaço que foi criado como suporte para todos os estudantes da FUP toda, não apenas para alunos da LEdoC. É um local onde os estudantes fazem suas refeições sem pagar. Agora quem não estuda neste local tem o direito de pagar para se alimentar.

¹⁴ **Foto:** Marina Ana Baptista Machado (2014).

¹⁵ **Foto:** Marina Ana Baptista Machado (2014).



Foto 10. Dependência interna do RU¹⁶

De acordo com a Decana de Assuntos Comunitários, Denise Bomtempo, o RU é um espaço que representa a conclusão de uma etapa da política alimentar e nutricional da UnB. Significa também, segundo ela, mais controle e qualidade na alimentação da comunidade acadêmica. “Com a inauguração do RU de Planaltina, atingimos uma das metas propostas ao assumir o DAC, de ter unidade de restaurante universitário em todos os campi da UnB. Fechamos esse ciclo”, afirma a decana¹⁷.

Para o diretor da FUP, professor Luiz Antônio Pasquetti, a inauguração da nova unidade atende a uma demanda importante para estudantes, professores e técnico-administrativos. “Com a abertura do Restaurante Universitário, conseguimos a consolidação e a fixação da comunidade acadêmica no campus, sem a necessidade de deslocamentos para outros lugares para se alimentar”, reforça¹⁸.

Neste capítulo apresentamos a Educação do Campo, Educação Quilombola e a Licenciatura em Educação do Campo LEdoC da UnB de Planaltina. No próximo capítulo o assunto é a Comunidade Kalunga Vão do Moleque.

¹⁶ Foto: Luana Pereira (2015).

¹⁷ Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia>. Acesso 27-nov-2015.

¹⁸ Fonte: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia>. Acesso 27-nov-2015.

CAPÍTULO III

OS QUILOMBOLAS KALUNGA E A COMUNIDADE VÃO DO MOLEQUE: ASPECTOS SOCIOHISTÓRICOS E CULTURAIS

Este capítulo trata sobre os Quilombolas Kalunga da comunidade Vão do Moleque quando são descritos aspectos de sua história, social e culturalmente.

3.1. Quilombolas e Kalunga: uma síntese

De acordo com Kabenguele Munanga (2004), a palavra Quilombo refere-se a um tipo de instituição sociopolítico militar conhecido na África central, principalmente na região constituída pela atual República Democrática do congo Zaire.

Dados informados pelo site “Casa Kalunga chapada.com.br”, sobre Cavalcante e a história povo Kalunga, confirmam que o “Sítio Kalunga” ocupa uma área territorial que engloba os município de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, com mais de 20 comunidades nativas, que preservam uma cultura remanescente de quilombos. O “Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga” é uma das maiores riquezas culturais do município de Cavalcante, e considerando o maior quilombo do Brasil em extensão territorial. São quatro núcleos: os Kalunga Vão do Moleque, Vão de Almas, Ribeirão dos Bois e Contendas.

As minas de ouro da cidade possuíam mais de 9 mil escravos, os negros fugitivos do litoral e do arraial de Cavalcante se escondiam nos grotões de serras, Vãos da serra do vale do Paranã, um verdadeiro território africano com clima fauna e flora apropriados ao povo Kalunga que ali sobreviveu escondido por mais de 150 anos sem contato com a civilização. O isolamento do povo Kalunga nos Vãos foi sua defesa contra a sociedade dos brancos, onde os senhores de escravos podiam querer conduzir novamente os quilombos à escravidão. Esse isolamento foi também sua força, que permitiu conservar seu modo de vida tradicional e sua identidade própria, Todavia, com o passar do tempo, o isolamento acabou sendo ponto fraco. Isso porque quando foi abolida a escravidão o povo Kalunga já

não teria mais razão para manter afastado da sociedade brasileira. Mas então foi a sociedade brasileira que se afastou do povo Kalunga¹⁹.

A sociedade nacional, de forma inconsequente, deixou “a gente viver largado”, como dizem os mais velhos, e assim eles permaneceram longe dos benefícios que o progresso ia trazendo para os outros brasileiros. Porém, a partir da década de 1970 e 1980, o povo Kalunga foi sendo obrigado, cada vez mais, a entrar em contato com a sociedade de seu entorno.

Conforme isso foi acontecendo, os Kalunga foram sentindo que encontravam-se desprotegidos e despreparados para lidar com “aquele mundo”. As pessoas não tinham recursos para enfrentar as ameaças que esse “novo mundo” representava. Assim, defendendo seu modo de viver e sua cultura, sem saber como lutar pelas coisas que aquele mundo podia oferecer e que até então parecia tão distante deles. Contudo, atualmente os remanescentes dos quilombolas vivem em comunidades, em território tombado e demarcado pelo governo do estado de Goiás e titulado pelo governo Federal. Além de Cavalcante, o território Kalunga se estende também para municípios vizinhos de Monte Alegre e Teresina de Goiás.

É importante ressaltar que no período pós-abolição, a população negra se manteve excluída do acesso a diversos direitos fundamentais e à luta pelos direitos quilombolas se somou as lutas da população negra. As primeiras referências aos quilombos foram pronunciadas pela Coroa Portuguesa e seus representantes que o administrava Brasil colônia. A partir de 1740, o Rei de Portugal e o Conselho Ultramaritano²⁰, ressaltou que quilombo ou mocambo foram definidos como habitação de negros fugidos (ALMEIDA, 2002).

¹⁹ Fonte: casatemporadachapada.com.br/cavalcante-históriapovokalunga. Acesso 05-dez-2015.

²⁰ O Conselho Ultramarino foi criado e regulamentado por Regimento de 14 de Julho de 1642, para se ocupar de todas as matérias e negócios, de qualquer qualidade que fossem, relativos à Índia, Brasil, Guiné, ilhas de São Tomé e Cabo Verde e todas as mais partes ultramarinas. No conjunto das suas competências destacam-se a administração da Fazenda, a decisão sobre o movimento marítimo para a Índia, definindo as embarcações, a equipagem e as armas, o provimento de todos os ofícios de Justiça e Fazenda e a orientação dos negócios tocantes à guerra. Passavam, ainda, pelo Conselho Ultramarino os requerimentos de mercês por serviços prestados no Ultramar. Era composto por um presidente, quatro conselheiros, um secretário e dois porteiros. Pelo Regimento dos ordenados de 23 de Março de 1754, verifica-se que à composição primitiva foi acrescentado um lugar de procurador da Fazenda, um de tesoureiro privativo com um escrivão e fiel, um executor das dívidas ativas, um solicitador da Fazenda e um contador dos Contos do Ultramar. O Conselho Ultramarino foi extinto por Decreto de 30 de Agosto de 1833, passando as suas atribuições contenciosas a pertencer aos competentes juizes, as de administração da Fazenda ultramarina ao Tesouro Público, e as de jurisdição voluntária e graciosas à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, Por decreto de 23 de Setembro de 1851 (publicado no Diário do Governo de 18 de Outubro) foi criado um novo Conselho Ultramarino, o qual foi extinto por Lei de 23 de Setembro de 1868, tendo-lhe sucedido a Junta Consultiva do Ultramar. Fonte: <http://www.aatt.org>. Acesso 28-nov-2015.

Não obstante, no período republicano a partir de 1889, o termo quilombo desaparece da base legal brasileira, e reaparece na constituição de 1988, numa perspectiva de sobrevivência, dando aos quilombos o caráter de remanescentes, portanto, cem anos transcorridos entre a abolição até a aprovação do artigo 68 da atual Constituição (BRASIL/CRF/1988).

Recorrer às normas constitucionais e os decretos na história do Brasil é fundamental para entender um passado muito cruel pelo qual passamos. Nós só passamos a ser cidadãos brasileiros, de fato, a partir da constituição de 1988. Antes disso, nós não éramos considerados cidadãos brasileiros. Uma boa parte dos descendentes de africanos, era escravizada, pois mesmo após a abolição da escravidão e até a Proclamação da República, permaneceram em completa e violenta desigualdade. A discussão sobre quilombo tem voz na frente negra brasileira nos anos 1930. Posteriormente, surge em movimento dos anos 1940 e 1950, tais como o Teatro Experimental do Negro, e ganha folego no bojo da institucionalização do movimento negro nas décadas de 1970 e 1980 (GUSMÃO, 2001).

A nossa luta pela terra não é pautada por princípios econômicos e sim por fundamentos culturais. O movimento quilombola, organizado em nível nacional a partir de 1995, traz a retórica identitária como um elemento central de suas reivindicações e do estabelecimento da coesão de grupo. A partir dessa composição étnica²¹, os quilombolas construíram sua linha central de luta que é a defesa de seus territórios. As comunidades rurais negras são conhecidas como comunidades quilombolas, bairros rurais negros, terra de pretos, terra de santo e quilombos é um grupo organizado que tem uma relação social, política econômica e cultural e se estabelece uma relação com a terra em que vivem por dezenas ou centenas de anos (GUSMÃO, 2001).

De acordo com Josilene Brandão, liderança quilombola e integrante da CONAQ durante a audiência coordenada pelo MPF em 19-09-2007, afirma o seguinte; “[...] pra dizer quem são os quilombolas eu queria dizer que não somos descendentes de escravos, nós somos descendentes de africanos. A Escravidão foi uma condição social, que vocês estados impuseram”.

²¹ A composição étnica e racial da sociedade brasileira é resultado de uma confluência de pessoas de várias origens étnicas diferentes, dos povos indígenas originais, negros africanos, dos colonizadores portugueses, e de posteriores ondas imigratórias de europeus, árabes e japoneses, além de outros povos asiáticos e de países sul-americanos. Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso 27-nov-2015.

Portanto, os quilombos não nascem apenas de uma herança escrava. Ele nasce de uma determinação do povo negro, pois não queríamos ser escravos, e nos rebelamos contra a escravidão porque nós nascemos livres e queremos ser livres, e uma das maiores expressões de liberdade desse País foi a constituição dos quilombos. (ALMEIDA, 2010).

Assim sendo, nós somos construtores da sociedade brasileira, somos parte fundamental do processo de construção desse País que, a duras penas, se constituiu e hoje nega seu passado, nega sua origem. Nós trouxemos pra cá parte da nossa memória, e uma cultura, que contribuiu para a constituição do Brasil. (ALMEIDA, 2010).

É exatamente porque nós estamos aqui que dizemos que estamos cansados de sermos tratados como estrangeiros; nós não somos estrangeiros, somos brasileiros e fazemos parte do povo e da cultura desse do Brasil. Ademais, o movimento quilombola compõe-se de um processo histórico de luta a partir de seus usos e costumes, seja um elemento estrutural da perspectiva do aquilombar-se, que é portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham direito fundamental a resistirem e existir com usos e costumes (ALMEIDA, 2010).

Segundo Amorim (2002), a identificação como Kalunga para todos os moradores da comunidade, antes do reconhecimento, era usado em sentido pejorativo, pois os moradores não gostavam de serem identificado como Kalunga.

Com efeito, em algumas comunidades Kalunga o turismo se tornou como um meio de sobrevivência e projeção social, mas isso não é o caso da comunidade Vão do Moleque. Nesta comunidade, existe uma presença representativa de turista de vez em quando para visitar algumas cachoeiras. Os festejos religiosos aqui têm uma cultura rica que possa chamar a atenção dos turistas além das cachoeiras. Esse Sítio Histórico também é constituído de fazendas cujos donos não são Kalunga, e isso gera conflitos em função da posse de terra. Percebe-se que é um território de extrema riqueza cultural e biológica em constante sintonia, de paisagens e belezas cênicas apropriadas por alguns turistas e por fazendeiros, além da forte intervenção do Estado por meio de políticas-públicas de regularização da terra e de assistência social e de moradia²²

²² Fonte: Muryel Moraes Arantes, da Universidade Federal de Goiás.muryel.arantes@gmail.com; Maria Geralda de Almeida, da Universidade Federal de Goiás. mgdelmeida@gmail.com.

Segundo Giovanna Isabel Damando (2003), a população Kalunga é uma comunidade de negros formados por descendentes dos primeiros quilombolas que fugiram do cativeiro e formaram um quilombo e passou a viver em isolamento construindo uma identidade e uma cultura com elementos africanos de origem aos europeus dos colonizadores marcados pela presença do Catolicismo tradicional no meio rural. Os Kalunga, pois, são oriundos de quilombolas que instalaram na chapada dos veadeiros ainda no século XIX.

A migração iniciou com a descoberta do ouro no centro do Brasil. O Estado de Goiás nasce sob o símbolo do ouro e da garimpagem, sendo o africano a principal figura e, ou mesmo o motor popular dessa estrutura.

Com efeito, o povo Kalunga é uma comunidade de negros originalmente formados por descendentes escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo há muito tempo atrás, num dos lugares mais bonito do Brasil, a região da chapada dos veadeiros ,no norte de Goiás . Toda área que eles ocupam foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do estado de Goiás. Essa história começa lá longe no tempo há mais de duzentos anos. Foi quando o território que é hoje o estado de Goiás começou a ser conquistado pelos colonizadores aquele era um tempo dominado pela febre do ouro e os escravos sofriam muito no cativeiro. (PRISCILA CARNAÇA E GISELE ALMEIDA, 2010).

3.2. Comunidade Kalunga Vão do Moleque

A comunidade Kalunga Vão do Moleque localizada no município de Cavalcante GO, possui uma escola com Ensino Fundamental até o nono ano, não tem creche, tem uma Igreja Evangélica e outra católica onde, nesta última, ocorre o festejo de nossa Senhora do Livramento Capela do Moleque. É ali que se realizam as missas, fazem-se batizados e casamentos, sempre uma vez por ano, quando o Padre se desloca da cidade de Cavalcante para realizar essas cerimônias religiosas, na Romaria de Nossa Senhora do Livramento, localizada no Vão do Moleque festejo da Capela.

A identidade dos Kalunga do Vão do Moleque está estreitamente ligada aos recursos naturais do cerrado como os rios, os solos, as plantas. Devido à relação de proximidade dos hábitos culturais com a natureza é que se torna interessante adotar o conceito de biodiversidade, conforme Almeida (2003). Segundo Haesbert (2005), o

entendimento dos conceitos ocorre por meio da ideia de territorialização, a qual é entendida como apropriação do espaço. Esse processo de territorialização está diretamente relacionado à apropriação, ou uso que se faz de determinado espaço, conferindo aspectos subjetivos e culturais, conclui a autora.

Nesse sentido, Marinho (2008), considera que essa relação busca compreender a biodiversidade e os sujeitos do cerrado. De acordo com Almeida (2010), o processo de territorialização na comunidade Vão do Moleque está ligado ao processo de delimitação de espaço, pois até as casas são construídas, em geral, dispersas distantes umas das outras. Não obstante, a fabricação manual com materiais do cerrado, os artesanatos, não são muito mencionados, mas as construções das casas são bem próprias da comunidade que utilizam basicamente palha de coqueiro, buriti, madeira, adobo, barro e prego.

Na comunidade existem casas construídas de alvenaria doadas pelo governo, mas as casas de palha ainda são mantidas para morar e seus moradores não querem se desfazer delas. Essas práticas relatadas fazem parte da biodiversidade do cerrado, pois foram saberes obtidos de gerações passadas e simbolismos relacionados ao modo de viver no cerrado. Mesmo com as dificuldades que nós moradores da comunidade Vão do Moleque, enfrentamos, mesmo assim muitos de nós ainda cultivamos plantas.

Algumas plantas são agricultadas nos quintais, outras são cultivadas no cerrado. As ervas são utilizadas para resolver problemas de saúde mais simples. Os vivem em áreas do cerrado, têm a possibilidade de extrair da terra recursos para manter a saúde ou amenizar males. Mesmo assim, as populações das comunidades utilizam os remédios comercializados, pois acreditam que a utilização dos dois métodos pode ser mais eficiente.

Isso causa uma ligação muito forte com nossa cultura, incluindo as danças, as músicas, a religiosidade, a culinária e fatores que representam a ligação do povo Kalunga com o meio em que vivem. As práticas dos saberes tradicionais são apresentadas de acordo com as seguintes técnicas: no preparo do roçado, na fabricação da farinha, construção de casas de palha e preparo de remédios. Os procedimentos para o cultivo ou pastagem são feitos com utensílios manuais machado, foice e enxada. Depois de cortar as plantas do espaço determinado daí é feita a queimada controlada para então plantar.

A plantação de milho e cana predomina nas roças, e nos quintais predomina também algumas hortaliças e ervas medicinais. A alimentação é essencialmente composta por arroz, feijão, carne e macarrão e o preparo dos alimentos é feito com óleo, sal e alho. Os Kalunga, inicialmente, não utilizavam muito óleo de soja, como no caso do arroz canja

que é feito cozido em água, fritar no óleo. Mas quando aparecem visitas faz o arroz passado no óleo da maneira convencional. Segundo o que vejo, os saberes tradicionais estão se perdendo terreno diante das necessidades do cotidiano.

As fotos a seguir permitem uma percepção da comunidade.



Foto 11. Festejo na comunidade²³.



Foto 12. Festejo na comunidade²⁴.

²³ Foto: Renivan J. Torres.

²⁴ Foto: Renivan J. Torres.

Neste capítulo discorremos sobre as identificações do que é quilombo, sobre os Kalunga e sobre a comunidade Kalunga Vão do Moleque. No próximo capítulo abordamos sobre os saberes tradicionais e culturais desse povo, quando trazemos os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO IV

SABERES TRADICIONAIS KALUNGA NA COMUNIDADE VÃO DO MOLEQUE

Este capítulo apresenta as teorias que sustentam a pesquisa, e também os resultados, discutindo os Saberes Tradicionais na comunidade quilombola Kalunga Vão do Moleque.

3.1. Cultura e Saberes Tradicionais na Comunidade Kalunga Vão do Moleque

Os saberes tradicionais que ainda permanecem na comunidade Kalunga Vão do Moleque são as práticas de benzimentos e rezas, as festas, religiosas, remédios caseiros a dança da Sussa que acontece durante as festas da comunidade. Essa cultura ainda está sendo preservada por algumas pessoas mais velhas da comunidade, mas a nossa preocupação em relação a isso é que só tem dois rezadores na comunidade, e os jovens não estão preocupados em saber ou até mesmo em aprender as rezas e os benzimentos. Eles vão para as festas mas são poucos que vão à Igreja, porém na hora do forró o recinto fica lotado. O que fazer para que esses jovens possam se interessar e saber mais sobre a nossa cultura?

Em relação à educação, temos percebido que na comunidade Vão do Moleque está melhorando, porque já tem escola de nível médio que foi implantado agora em 2015. Com isso ficamos muito felizes porque já amenizou mais a saída, isto é, o êxodo rural. Isso faz com que a maioria das famílias deixe seus filhos aqui mesmo na comunidade, porque muitos deles levavam os filhos para a cidade, não por boa vontade, mas por grandes necessidades em colocar os filhos na escola.

Em relação à cultura e também à educação, Alfredo Veiga-Neto (2003), afirma que, resumidamente, pode-se dizer que ao longo dos últimos dois ou três séculos as discussões sobre Cultura e educação restringiram-se a questionamentos superficiais. Para esse autor, isso não significa que as discussões tenham sido superficiais, mas sim que, por um bom tempo, a Modernidade não questionou seriamente os conceitos de Cultura e de educação; quase nunca esteve em pauta problematizar seus significados modernos.

Ao contrário, o que se fez foi centrar as discussões a partir de uma base conceitual assumidamente comum para, a partir daí, analisar, propor, debater, pensar no âmbito da Cultura e da educação. Aceitou-se, de um modo geral e sem maiores questionamentos, que cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor – fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários etc. Nesse sentido, a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade (VEIGA-NETO, 2003, p. 23-24).

Assim, ainda de acordo com esse autor, a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia monocultural e, para dizer de uma forma bastante sintética, a educação era entendida como o caminho para o atingimento das formas mais elevadas da Cultura, tendo por modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais mais educados e, por isso, mais cultos.

Não obstante, desde que no século XVIII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de *Kultur* a sua própria contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos – especialmente todo aquele conjunto de coisas que eles consideravam superiores e que os diferenciava do resto do mundo –, a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um *status* muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades (VEIGA-NETO, 2003).

Em relação ao conhecimento tradicional, Manuela Carneiro da Cunha (2007, p. 83) afirma que:

[...] O Brasil encontra-se, como vários países mega-diversificados, entre dois fogos. O Brasil é dos membros mais ativos, para não dizer o líder do chamado *Disclosure Group*, ou seja, o grupo de países mega-diversificados (Brasil, China, Colômbia, Cuba, Índia, Paquistão, Peru, Tailândia, Tanzânia, Equador, África do Sul e, agora, desde junho de 2007, contando também com Venezuela, o grupo africano e o grupo dos países menos desenvolvidos) que postulam, junto à Organização Mundial do Comércio, que a origem e a legalidade do acesso aos recursos genéticos e/ou ao conhecimento tradicional sejam um requisito internacional para patentes. Ou seja, que não se possam obter patentes em lugar algum sem fornecer a prova de que o eventual acesso aos recursos genéticos ou ao conhecimento tradicional foi feito de forma legal. Da mesma forma, o Brasil tem se destacado junto a órgãos da ONU, por exemplo, a Organização Mundial para a Proteção Intelectual (Ompi), na defesa dos direitos intelectuais que resultam de conhecimentos tradicionais. Essa é a posição do Brasil no âmbito internacional.

Todavia, a autora acredita que, internamente, o governo brasileiro está dividido, e um dos mais ferrenhos opositores a que se reconheçam direitos intelectuais aos saberes tradicionais é, curiosamente, o Ministério de Ciência e Tecnologia.

Nesse sentido, passamos a apresentar como a comunidade Kalunga do Vão do Moleque está lidando com sua cultura e saberes tradicionais. Para tanto, aplicamos um questionário, conforme segue.

Tabela 1. Participantes da Pesquisa

Entrevistados	Idade	Profissão	Escolaridade	Procedência
Joaquina da Costa Serafim.	89	Lavrador	Analfabeta	Vão do Moleque
Silvestre F. dos Santos	93	Lavrador	Analfabeto	Vão do Moleque
Otília de Melo Torres	59	Lavradora	Ensino Fundamental	Tocantins
Ana Ferreira de Sousa	58	Lavradora	Analfabeta	Vão do Moleque
Emídio Fernandes	60	Lavrador	Analfabeto	Vão do Moleque
Inácia de Sousa	71	Lavradora	Analfabeta	Vão do Moleque

3.2. Saberes Tradicionais Kalunga Vão do Moleque

Dentro da comunidade anda existem vários saberes tradicionais e culturais, dentre estes estão o artesanato, a cultura tradicional, a tradição da reza e do benzimento, o trabalho das parteiras, dentre outros. A preservação dos saberes e fazeres são percebidos ao se contatar as pessoas mais idosas que ainda permanecem na comunidade. Esses saberes não estão sendo preservados como era antes, por falta de interesse dos jovens, pois eles não estão mais preocupados com a nossa cultura, e os mais velhos estão sendo reduzidos a poucas pessoas com idade bem avançada, o que coloca em risco a continuidade das tradições e dos saberes Kalunga.

3.2.1. Rezas e Benzimentos

As rezas e os benzimentos ainda permanecem ao serem praticadas por algumas pessoas mais idosas da comunidade, porém os mais novos não se interessam em aprender benzimento e reza. Isso se percebe desde a adolescência quando a maioria das pessoas nessa faixa etária se ausenta da comunidade para ir à cidade em busca de estudo e melhores condições de vida e, por isso, esses hábitos estão se perdendo.

Contudo, acreditamos que esses hábitos se fortaleçam novamente, porque na comunidade já existe escola com o Ensino Médio. Sendo assim, não tem tanta necessidade dos jovens deixarem a comunidade para irem à cidade em busca de escola. Mas continuam indo em busca de recursos financeiros que na comunidade é muito escasso, e como precisam manter o sustento, principalmente os jovens. Mesmo aqueles não estudam mais não conseguem ficar na comunidade e saem em busca de melhores condições de vida para se manter.

Em relação às rezas que são praticadas, suas incidências sempre estão de acordo com as comemorações dos Santos, que transcorrem de acordo com a tabela 2 a seguir.

Tabela 2. As rezas e suas ocorrências

Festejos	Ocorrência
Santo Reis	Mês de janeiro
Santo Antônio	Mês de junho
São Sebastião	Mês de julho
Senhora das Neves e Divino pai Eterno	Mês de agosto
Senhora do Livramento	Mês de setembro
Santa Luzia	Mês de dezembro

a) **Benzimentos**

Os benzimentos ocorrem sempre e estão de acordo com as necessidades das pessoas da comunidade. Assim sendo, apresentamos, a seguir, essa prática cultural, religiosa e medicinal, conforme as respostas dos entrevistados participantes da pesquisa.

EXCERTO

Excerto 1

Entrevistada 1.

Dona Joaquina da costa serafim, nascida em 02/02/1926. Ela é parteira e benzedeira, Quando tem alguma gestante que perdeu a data de ganhar neném, e sente dor, ela chama a Dona Joaquina. [...] Mía fia ieu nasci no mato, mia mãe tava iscondendo dos revoltosos, que naquele tempo existia ua tuima di gente que andava nas casas dus moradores daqui, naquele tempo num era brinquedo não condo gente sabia que istava na região gente tinha que isconde e mia mãe tava escondida no mato condo sintiu dor como era um grupo de gente escondida feis o parto la no mato cum 3 dia ez voltou pra casa, intão inderna de conde ieu nasci qui é sofreno. Ela afirma que existem várias rezas e benzimento, tudo de acordo com as necessidades, tem rezas para cada santo e benzimento para cada coisa.

Excerto 2

Entrevistador 2.

Emidio Fernandes de Sousa: nascido em 22/08/1942. Senhor Emidio é o mais querido da comunidade ele é o único rezador da região toda festa que tem na comunidade ele é chamado para rezar, sem nada em troca só mesmo o agradecimento do dono da festa. Ele conta que aprendeu a rezar com seus familiares, ele ajudava seus pais rezar em festa e com isso foi tomando gosto pela reza e hoje é conhecido como rezador da região do Vão do Moleque, onde ele teve o prazer de me ensinar esta reza de altar. Ele reza em velório só que ele disse que é muito doloroso rezar essa reza de velório sem necessidade que assim ele não tinha coragem de rezar não.

Excerto 3

Entrevistada 3. D. Ana Ferreira, nascida em 19/02/1957. Ela é rezadeira, benzedeira e parteira e nasceu na comunidade. Ela conta que tudo que aprendeu foi com seus pais, aprendeu a rezar e benzer com intuito de ajudar as pessoas que precisam, afirmando que: [...] ieu to cum 58 ano já fiz cinco parto aqui mais num foi sozinha não foi junto com as outa cumpanheira qui é Maria, a veia Duminga, Juaquina, Andreлина era essas mais veia qui ajudava, agora tem muito tempo qui num faço um parto, as muié de hoje vai tudo pa cidade ieu dei graças a Deus depois qui eza deu pa ir pa cidade, porque naquele tempo era dureza pa muié ter minino aqui era só na fica da muié e algua sampatia e algua meizinha qui fazia quando a muié tava demorando de ganhar o nenê. Os remédio era: remédio quente era banho erva igual fia de legramina, magiricão mentraço, tinha mais juntava tudo e cuzinhava banhava a barriga da muié e muia pimenta do reino fazia o caldo e dava ela pa beber ah junto com banho era logo a dor esquentava, quando a criança nascia corta o imbigo cuma tizoura. Esquentava o cabo da cuié no fogo e pregava im cima do imbigo, depois botava azeite de mamona marrava um pano i todo dia cedo passava azeite até o imbigo caísse, a muié tinha qui ficar na camarinha 8 dia sem sair pra fora do quarto. Era assim cum três dia qui o minino tinha nascido tinha qui mostrar o minino a lua, a mãe arrumava duas pessoa pa leva o minino pra fora um home e uma muié, era assim juntava os pano do minino fazia uma troxa o oto panhava o minino e levava pra fora a noite de lua la de fora da casa fazia uma fogueira e com acriança na mão falava assim: Lua luar toma seu fii i juda criar com os poder de Deus e a Virgem Maria, era falado 3 vez e voltava com o minino pra dentro ai desse dia em diante podia sai com o minino pra fora qualquer hora. E mãe durante oito dia tinha que ficar na camarinha usando uma tal de mal assada no imbigo pa muié não ficar barriguda, ela era feita de sebo de boi com alho amassava os dois juntos e a muié botava no imbigo durante us oito dia. Benzo de quebranto, de dor de barriga, dor de dente, sei muitos bizimento, mais tem uns qui num pode fala a toa não só condo prisisa.

Dentre os benzimentos, as pessoas entrevistadas destacaram:

Excerto 4: Benzimento de quebranto

Jesus te gerou
Jesus te criou
Jesus quem tira quebranto
e mal olhado de quem te olhou
fulano(dizer o nome da pessoa)
eu não te benzo ,quem te benze é
nossa senhora quebranto sai de dentro
pra fora. Em nome de Deus pai, Deus filho,
Espirito Santo Amém. Repetir esse benzimento
Por 3 vezes.

Excerto 5: Benzimento de dor de barriga

Dor de barriga como uma rudia
Água fria correntia, corre de noite
E de dia e no impino do meio dia, assim

Como a água do mar corre fria mesmo assim
Esta dor de barriga livia
Com os poder de Deus Pai, Deus Filho,
E do espirito Santo Amém. Falar 3x.

Excerto 6

Entrevistada 4: Otilia de Melo Torres, nascida em 18/12/1957 no Estado do Tocantins se casou e mudou para o Estado do Goiás onde vive até aos dias de hoje. Ela conta que o antepassado dela foi muito sofrido, pois é de família pobre não tinha muito de onde retirar o sustento para se manter além da agricultura, criou os cinco filhos inclusive eu. Tudo através do serviço braçal, pois eles não tinha nenhuma renda do governo, tudo era vindo da agricultura. Ela conta: criei oces tudo através do serviço braçal, era plantando roça e fazendo teceção de redes e coberta para a família e para vender para que assim pudesse ajudar seu pai com as despesas da casa. Porque o custo de vida era muito difícil, intão nois vivia do sustento que vinha da roça e num mais pa arrumar dinheiro era quando seu pai vindia algum gado. Agora hoje graças a Deus nois tem um dinheirinho que da pa superarar as necessidades da casa.

Dona Otilia sabe alguns benzimentos que aprendeu ainda quando era jovem, quando morava com sua mãe. Ela me ensinou alguns benzimentos e rezas que destaco a seguir.

Excerto 7: Benzimento de tirar sol da Cabeça

Jesus Cristo é o Sol
Jesus Cristo é a Lua
Jesus Cristo é resplendor do Sol e a Lua
São Clemente para onde voz andar
Sol que voz és de tirar
São Clemente para onde voz andar
Sol que voz es de abrandar
São Clemente para onde voz andar
Sol que voz es de tirar com os poder Deus
Pai, Filho, Espirito Santo. Amém.
Falar 3 vezes.



Foto 13. Benzedeira fazendo um benzimento²⁵.

Excerto 8: Benzimento de parar Sangue

Vi! Maria José que tanto sangue?
Vente geral para sangue volta sangue
Volta sangue para seu lugar em nome de
Deus Pai, Deus filho e do Espírito Santo. Amém.
Falar 3 vezes.

²⁵ Foto: Renivan J.Torres (2015).

b) Rezas

Excerto 9: Reza de São José

Meu Senhor São José que está aqui hoje
Em vossos pés pedindo água com abundancia meu Jesus
Deus Nazaré.
Quem quiser chuva na terra a pega com São José
Ele é um santo milagroso que vós deu a santa fé
Meu senhor São José está com sua cruz na mão,
Nem de sede nem de fome, nem de sede não matar
Seus filhos não.
Quem tiver suas penitencias faça de bom coração
Cada instante cada hora tem chuva de Deus no chão
Rezo e ofereço este bendito pra o Senhor que está na
Cruz em tenção de São José para sempre amém Jesus.
(Essa reza é para pedir chuva).

Excerto 10: Reza de Nossa Senhora do Livramento - Padroeira do Vão do Moleque.

Bendito louvado seja o santíssimo sacramento,
Rainha do céu coroada senhora do Livramento,
Quem quiser entrar na glória lá no céu tem cabimento
Quem tiver a devoção com Senhora do Livramento.
Quando menino Jesus nasceu o mundo todo cheirou,
As quatro parte do do mundo as arvores secas se enflorou,
Seca grande está pra entrar por causa do nossos pecados
Senhora do Livramento que é a nossa devogada.
Três biato que Deus deixou no coração de Maria,
O terço boca da noite salve rainha meio dia,
Três biato que Deus deixou três pé de alvin plantado,
É o terço boca da noite e o officio de madrugada.
Três biato que Deus deixou no coração de Jesus
É o terço boca da noite lá nos pés da santa cruz,
Quinze mistério em vosso rosário tem fecha a
Porta do inferno para todo sempre amém.
(Essa reza é para pedir chuva).



Foto 14. Altar da Romaria Nossa Senhora do Livramento. Vão do Moleque²⁶.



Foto 15. Rezadeiras rezando.

²⁶ Foto: Renivan J. Torres (2015).

Outra prática da comunidade é o uso de plantas para enfrentar problemas de saúde e, sendo assim, discutimos essa tradição cultural do povo Kalunga do Vão de almas.

3.2.3. Medicina Tradicional: uso das plantas

A prática da medicina tradicional efetivada pelo uso de plantas é outra atividade cultural muito relevante na comunidade Kalunga Vão do Moleque. Sendo assim, entrevistamos pessoas que fazem esse trabalho, conforme descrevemos a seguir.

Dentre a grande variedade de plantas que servem como remédio, destacamos o pé de Amora, cujo chá da folha serve como calmante e a fruta é também comestível. Tem também chá de folha santa, e o sumo dessa folha serve para dor de ouvido.

Excerto 11

Entrevistado 5. Senhor Silvestre F. dos santos, nascido em 12/09/1922, é morador nesta comunidade desde seu nascimento. Ele é de família não rica e hoje mora só ele e a esposa e vive basicamente só da aposentadoria. Ele fala que a medicina mais usada aqui é aquela que todos nós fazemos, não tem nenhuma coisa que é os chápim a piora febre gripe, gente faz chá de raiz de capim de cheiro com raiz de mastroz, raiz fedegoso, junta tudo põe pra ferver sem açúcar e bebe é expectorante. Também amassar a fava de sicupira põe na água e faz gargulejo é bom pra dor na goela (garganta). Ele disse que as plantas do cerrado muito usadas como cicatrizante aquele pacari, barbatimão, carvoeiro, óleo de pau para dor no estômago, vinho de jatobá do campo serve como anti-inflamatório e infecção de útero e também o vinho de baru é anti-inflamatório.

Excerto 12

Entrevistada 6. Inácia de Sousa, nascida em 28/04/1952, nesta comunidade. Ela estudou até a antiga terceira série criou seus filhos praticamente da agricultura não tinha nenhuma renda oferecida pelo governo nessa época, tudo era do serviço braçal, ela conta que criou seus filhos tudo através do saber e fazer que ela aprendeu com seus antepassados quer dizer mãe tias, ela aprendeu fazer plantava algodão colhia fiava a linha e o pávio em fusos depois era tingida com tintas com cores preferidas e a partir daí iniciava a tecelagem de cobertores, redes e outros tudo para o sustento da família, na parte da doença ela aprendeu a fazer remédios caseiros para as doenças mais simples como gripe, febre e dor de cabeça, inflamação de garganta, utilizava os seguintes remédios: gargarejo com chá de pau de coentro com açafreão gengibre isso era feito 3 vezes ao dia. Como depurativo do sangue é utilizado raiz de batatão com açúcar ou rapadura coloca em um litro com água a raiz do batatão e deixa de infusão por 3 dias tomar uma colher de chá 3 vezes ao dia.

Percebemos que o uso das plantas em minha comunidade são adotados no tratamento de doenças mais simples que ocorrem na comunidade e tem forte influência na vida das pessoas. Essa é uma prática que cada um adota, uma vez que tem seus conhecimentos próprios e sua forma de uso.

Segundo Spethmann (1996) *apud* Marina Ana Baptista (2014), desde a pré-história os seres humanos fazem usos de remédios caseiros utilizando as plantas medicinais em forma de chás, compressas e xaropes. Além das comunidades tradicionais quilombolas, os índios também fazem usos das plantas medicinais isso vem passando de avós para mães filhas e filhas onde eles tem um vasto conhecimento a sua diversidade cultural. Com sua sabedoria tendo horário para coleta das folhas e raiz ou casca, tendo um cuidado de como armazenar para o consumo.

Ainda de acordo com as ideias Spethmann (1996), desde tempos remotos o homem utiliza frutas, legumes, ervas, água e argila para curar seus males. Mesmo com a tecnologia de hoje ainda usamos os remédios caseiros para recuperar a saúde e manter e manter o equilíbrio orgânico. As pessoas sentem orgulho em poder fazer uso das medicinas alternativas, não deixando se perder os conhecimentos, os saberes e fazeres tradicionais. Elas cultivam em suas propriedades diversas plantas medicinais e também comestíveis, quando utilizam nos alimentos.

Na comunidade Vão do Moleque, as seis pessoas entrevistadas passam os seus conhecimentos e informações referentes ao uso das plantas medicinais que vem de geração a geração. As práticas dos remédios caseiros de cura para as enfermidades são adquiridos pelos familiares e amigos que trocam receitas uns com os outros. Os moradores da comunidade Vão do Moleque trazem consigo um vasto conhecimento repleto de valores e crenças.



Foto 16. Capim Eucalipto, o chá serve para febre e gripe²⁷.



Foto 17. Pé de hortelã seu chá serve como calmante²⁸.

²⁷ Foto: Renivan J. Torres.

²⁸ Foto: Renivan J. Torres.



Foto 17. Pé de losna o chá da folha serve para a má digestão²⁹.

Neste capítulo discutimos e analisamos os saberes e fazeres tradicionais dos Kalunga da comunidade Vão do Moleque. A seguir apresentamos as considerações finais sobre o trabalho.

²⁹ Foto: Renivan J. Torres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o desenvolvimento do texto, percebi que a Educação do Campo é muito importante e resulta dos movimentos sociais e sindicais dos povos do e no campo, e articulação na construção de Leis educacionais e políticas que garantam a qualidade de vida dos povos do campo.

Nesse sentido, podemos afirmar que a Educação do Campo não se concretiza sem reconhecer a existência do campo, de sua realidade histórica e dos sujeitos que nele vivem. Como percebemos nas últimas décadas a Educação do Campo vem conquistando espaço no cenário brasileiro, tendo como um dos marcos a constituição Federal que foi promulgada em 1988.

Com esse novo cenário houve uma necessidade de que a educação teria que se estender para um grau mais amplo como, por exemplo, a obrigatoriedade do Ensino Fundamental e dando uma extensão para o Ensino Médio. O artigo 205 da Constituição Federal (1988) prescreve que deve haver “[...]igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e que a “educação é direito de todos e dever do Estado e da família”.

A partir da década de 1990 todo parecer pedagógico, no campo ou na cidade, passou a ser definido de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (1996). Na Zona Rural, essas diretrizes passaram a reger as práticas educacionais, sempre em consonância com realidade dos camponeses. Muitas das ações da Educação do Campo que vem sendo desenvolvidas ignorando as necessidades dos sujeitos sociais que vivem no campo, ao negar ou subordinar os aprendizados da experiência, da cultura e do trabalho. (BRASÍL2002).

Quando se fala em sujeitos do campo refere se o modo de vida camponês como eles vivem. Analisando isso com minha comunidade, vejo que a comunidade vive praticamente da agricultura de subsistência, do trabalho braçal, do Bolsa Família, da Renda Cidadã e Aposentadoria.

O trabalho dos quilombolas se dá de forma independente, e o que produz e vende não dá para manter ou mesmo garantir o sustento da família e manterem os filhos na escola, com essa necessidade toda, os filhos mais velhos logo tem que se deslocar da

comunidade para a cidade em busca de melhorias de vida e também para dar continuidade nos estudos e isso é um processo que vem há longos anos. Devido a esse deslocamento para a cidade a maioria dos jovens não retorna mais para a comunidade.

Com isso quem permanece firmemente na comunidade são os pais desses jovens, e as vezes só encontram os filhos uma ou duas vezes por ano, ou então nas épocas das festas mais comemoradas da comunidade que são de Santo Antônio e Nossa Senhora do Livramento. Porém, outros jovens nem nessas épocas aparecem na comunidade. E agora com a Licenciatura em Educação do Campo, já temos professores formados e mais se formando, na comunidade. Nesse ano de 2015, foi dado início do 1º ano do Ensino Médio na comunidade, talvez assim possa-se reduzir a evasão dos jovens da comunidade para a cidade.

Nesse sentido, Arroyo (1999, p. 9) acredita que a educação se tornará realidade no campo se ela ficar colada ao movimento social. Para ele, nem todos os movimentos sociais do campo percebem a educação e a escola como parte de sua luta, e nem todas as entidades de educadores olham para o campo.

De acordo com a autora Marta Inez Medeiros Marques (2004), o modo de vida dos povos do campo é entendido como uma configuração bastante dinâmica e que só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade, hoje inclui as relações sociais que ocupam as comunidades camponesas na sociedade moderna capitalista, entendendo como a relação entre tradição e modernidade e qual lugar ocupam os povos de vidas tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo W. B. de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O Dwyer, Eliane Cantarino. **Quilombos: Identidade Étnica e Territorialidade**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- ALMEIDA, A. W. B. Viagem a Alcantara. In: Sociedade Maranhence De Direitos Humanos. **A história ameaçada: a luta das comunidades tradicionais contra a política colonialista da base espacial de Alcantara**. São Luís: SMDH, 2012.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator-Revista de Geografia**. Fortaleza ,ano 2,n. 3,jun\jul.2003.p.71-82.
- ALMEIDA, M. G. Cultura ecológica e biodiversidade. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano 2, n. 3, jun./jul. 2003. p.71-82. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/166>> Acesso em: 20 mar. 2015.
- ALMEIDA, M. G. Territórios De Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n.10, p. 36-63, abr/2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/issue/view/792>> Acesso em: 20 ago. 2015.(a).
- ALMEIDA, Severina Alves de, ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e AOKI, Ana Paula. Etnografia e Observacao Participante: O Trabalho de Campo e a Pesquisa Qualitativa no Contexto Indigena Apinayé. In. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Editora da PUC, Goiás – Goiânia, 2012.
- ANJOS, R. S. A. **Territórios das comunidades quilombolas no Brasil: Segunda configuração espacial**. Brasília, DF: Mapas Ed. E Consultoria, 2005.
- ARANTES, Muryel Moraes. **O Saber Fazer do Povo Kalunga na Conservação da biodiversidade do Cerrado em Goiás (Brasil)**. Da Universidade Federal Goiás. 2008.
- BAIOCCHI, Mari de N. **Negros de cedros: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás**. São Paulo: Ática, 1999.
- BRASIL. **Kalunga povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.
- BRASIL. **Conselho Escolar e a educação do campo / elaboração Regina Vinhaes Gracindo... [et. al.]**. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 91 p. : il. (Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares ; 9).
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola/Roseli Salete Caldart**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

MOLINA, Mônica C. **Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão** / Mônica Castagna Molina, organizadora. – Brasília: MDA/MEC, 2010.

MOLINA, Mônica C. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

MARINHO, Thais Alves. **Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFG. 2008. 208 p.

ROSSETO, Edna Rodrigue Araujo; SILVA, Flavia Tereza da. **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

SANTOS, Silvanete Pereira dos. LEdoC e as matrizes formadoras da Educação do Campo. In: **-A concepção de alternância na licenciatura em Educação do Campo na Universidade de Brasília**. 2012.161f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.p.111-114.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação. **Revista Brasileira de Educação**. 2003.